

Um olhar focado em gestos de decisão.

The Look é uma longa e inquietante caminhada para um desconhecido. Dezassete corpos em cena percorrem um caminho aparentemente sem fim, salvo por gestos de decisão.

Explorar, recorrentemente e de forma profunda, as relações entre o ser individual e o grupo a que este pertence é uma característica das obras de Sharon Eyal. Aqui materializado num cenário de corpos pós-humanos que se afirmam numa linguagem coreográfica, que reside na fusão entre o orgânico do corpo e a precisão mecânica do movimento, transcendendo a fisicalidade canónica do ser humano. Se, por um lado, a mecanização do movimento se associa à rigidez do corpo, provocada pela tensão constante que advém da percepção de outrem, por outro, a sensualidade crescente do movimento surge não de forma provocatória, mas como o recurso existente para desvelar os desejos partilhados entre todos, porém encobertos pela irreversível dinâmica grupal.

Há uma nítida metamorfose do corpo do início ao final da peça – onde coexistem o orgânico e o artificial; o moderno e o tradicional – acompanhada pela crueza evidenciada pelos figurinos de Rebecca Hytting. Estes, se por um lado, procuram a neutralidade e a unidade daquele grupo, por outro, criam uma segunda pele, incompleta e opaca, onde apenas se evidenciam algumas partes do corpo, pálidas, fundamentais para a expressividade dos pequenos gestos singulares e deliberadamente afirmativos.

As relações de unísono são constantes: uma massa humana que ocupa o espaço num pulsar vibrante, por vezes inquietante. Uma marcha lenta em direção ao vazio cria tensões que aguardam por uma tomada de decisão. Quem será o primeiro corpo a ceder? É possível ceder? O movimento grupal, persistente, cria uma tensão de corpos presos em si mesmos. Há um espaço nitidamente individual, pese embora se encontrem todos numa sincronia hipnotizante, por vezes constringedora. Constringedora, não pela forma como se repete, mas pelas várias tentativas ininterruptas de sair de um ciclo aparentemente vicioso.



Da sincronia dos movimentos repetitivos surgem rasgos da singularidade, onde o lado individual dos “corpos usurpadores” emerge de forma inusitada e sem pudor em relação aos restantes elementos do grupo. Assim, este é também um espaço onde a vulnerabilidade individual é colocada à prova. Um espaço de tensão sustentado pelo ambiente envolto, criado entre a sonoridade eletrônica, por vezes tribal, do compositor Ori Lichtik, e a penumbra fria que progressivamente se vai ampliando no espaço, trazida pelo desenho de luz de Alon Cohen.

Há uma contenção no movimento, quase como se não fosse possível sair de uma rotina imposta pelo grupo. Há uma tensão no corpo, que procura insistentemente o que está em seu redor, em pequenos olhares contrastantes, porém subtis, quase impercetíveis, que surgem como um fôlego para a salvação. Este parece ser um lugar de contenção das emoções, inevitavelmente quebrado por uma força interior, incapaz de resistir ao efeito do outro. Parece existir a necessidade de trilhar novos caminhos em horizontes mais amplos. A resistência ao grupo é tentadora... Contudo, este não é um espaço de rendição, mas sim um lugar de afirmação.

A individualidade alia-se ao prazer de poder romper convenções e surge também como mote para poder contaminar o outro, nitidamente “embriagado” e “poluído” por uma energia coletiva. Desconectado do “próximo”, não há preocupação com o olhar do outro. Contudo, há um olhar para com outro. Um olhar que se evidencia, não no seu sentido mais literal, mas sim pela capacidade que tem de o influenciar com a sua presença. Quem será o próximo? Onde está a coragem para sair do mesmo lugar?

O minimalismo crescente imposto por gestos subtis torna-se incontrollável. Há uma vontade coletiva, um desejo individual de olhar, um anseio de, com este, mobilizar. Há um ritual constante. Uma veneração que se vai esvanecendo... Uma veneração ao outro, mas também a um lugar desconhecido, supostamente imperturbável e inquestionável pelo coletivo. A rutura para com este lugar é o mote para a afirmação. Poderemos escolher mudar? Podemos tentar encontrar outros lugares? Podemos congregiar motivos particulares, num espaço coletivo?

Há uma estranheza constante sobre este novo lugar desconhecido, provavelmente não alcançável, mas ansiado por todos. Este é o objetivo maior que se perpetua na obra – uma vontade eterna de nos continuarmos a mover, sem pudor.

Criado originalmente em 2019 para a Batsheva Dance Company, **The Look** é uma experiência imersiva, onde os pequenos gestos singulares evidenciam o requinte da individualidade que emerge da (im) perfeição criada pelo universo coletivo.

João Fernandes

Professor Adjunto da Escola Superior de Dança do Instituto Politécnico de Lisboa e Investigador do Instituto de Etnomusicologia – centro de estudos em música e dança